

Homenagem ao Psicanalista Victor Guerra

CELSO GUTFRIEND*

Conversando com Victor Guerra em torno desse evento¹, ele me sugeriu que eu fosse artista, já que o texto dele é todo embasado na arte (poesia, pintura) e nas relações dessas linguagens com os eventos precoces da vida e os processos de simbolização.

Hesitei, porque há tantos conceitos bonitos no trabalho de Victor, tanta metapsicologia nova e arejada.

É o que eu vinha pensando no carro quando vi a cena.

A cena era um carroceiro manco com duas muletas enferrujadas, tentando subir com o seu carro a Coronel Bordini que eu descia. Mais atrás vinha o seu cão e a força que ele fazia não era suficiente para que a carroça, uma carcaça, subisse.

Num ímpeto pouco pensado estacionei meu carro na Anita e fui oferecer ajuda ao carroceiro. Ele, a essa altura, já estava conseguindo e me agradeceu sem aceitar. O cão, no entanto, rosnou para mim e aquilo foi um momento intenso, tragicômico.

Eu pensei em certa onipotência de que ainda não consegui me livrar.

Eu pensei nos meus conflitos políticos com a família e na luta pela liberdade de pensar livremente.

Eu pensei no Victor e no quanto, como irmão, me dava a liberdade de ser artista, o que a família, sempre preocupada com o futuro e a sobrevivência, não dava.

Aquelas sensações todas me faziam encontrar a minha lei materna, a minha castração paterna. Segundo o Victor, as bases da minha subjetividade. E dali eu saí direto para o poema dessa cena que eu vou ler para vocês.

Leio com a sensação de que o carroceiro fez muito bem em não aceitar a minha ajuda. E o cão, em rosnar. Atitudes como essa são muito limitadas em mudar alguma coisa.

Já o poema, não. Ele, segundo o Victor, é fruto da interação com os pais e, por fazer pensar e sentir, pode sim salvar o mundo.

* Psicanalista e escritor

¹ Homenagem ao Psicanalista Victor Guerra e comentário do artigo “O ritmo, a musicalidade comunicativa e a lei materna na artesanaria da subjetivação humana”

Ok, o mundo de um leitor ou um ouvinte, mas isso já não seria pouco.

Enxergo aqui o âmago do nosso trabalho de psicanalista e não de padre, rabino ou conselheiro.

Talvez seja isso o que fazemos em nossos tratamentos.

Poemas que façam pensar, que façam sentir e, por isso, são revolucionários. É o que sugere poeticamente o trabalho do Victor.

Capitalismo

Saio da pista
encosto o carro
atraso o lucro
ajudo o carroceiro
manco
com seu carrinho
de latas coloridas
a lomba é dura
eu sou agora
uma terceira
muleta
de pouco menos
ferrugem
o homem é grato
sorri com dentes
possíveis
mas o cão, não
e mais sábio,
rosna.